

Literaturas entrelaçadas em *Marcas da diferença*

Rosângela Manhas Mantolvani¹

Marcas da Diferença (2006), como indica o próprio título, organiza-se como um tecido cujas tramas são diferenciadas e diversificadas tanto pela abordagem quanto pelas nuances que tecem sobre os produtos literários. A obra, organizada por Rita Chaves e Tania Macêdo², é composta de seis partes e contempla o cânone, a história e a teoria literária, abordando as línguas faladas e os textos literários, na diversidade de contextos dessas literaturas, inclusive as manifestações culturais que sobreviveram ao processo diaspórico.

Artigos e ensaios abordam desde o contexto da globalização e suas influências sobre as diferentes culturas africanas até reflexões acerca da preservação dessas marcas tradicionais em contextos locais. Refletem também sobre as relações entre os processos diaspóricos e a reinvenção de formas tradicionais nos contextos do Atlântico.

A questão da língua portuguesa e a sua coexistência com as línguas locais *bantu* em África é motivo de discussão em diferentes abordagens, cuja preocupação com a preservação das culturas locais é enfatizada. A difusão da língua portuguesa passa pela compreensão das necessidades dos vínculos lingüísticos internacionais, sua funcionalidade e abrangência. Por outro lado, a língua portuguesa e seus "processos de barbarização", suas nuances e variações são objetos de análise. Nos estudos psicolingüísticos são desveladas as relações entre essas variações do português falado em diferentes lugares e seus significados negativados em relação ao "eu" do colonizado.

Nas avaliações de cunho lingüístico referentes ao português, a marca principal é o comprometimento com as formas orais da tradição e, ainda, com uma observação das novas formas de construção do léxico e da sintaxe a partir dos contatos culturais.

Os percursos da poesia e da ficção como escritas da diversidade nos países de língua oficial portuguesa estão reunidos na terceira parte do livro, em vários textos que marcam as diferenças desse imenso complexo sócio-político-econômico e cultural. Assim, a poesia e

¹ Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. **Pesquisa:** *Das invasões às fogueiras: os discursos ex-cêntricos em Pepetela e Saramago.*

E-mail: mantolvani@yahoo.com.br

² Referências na área dos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa na Universidade de São Paulo, no Brasil e no exterior

prosa moçambicanas têm suas análises fundamentadas em importantes nomes da crítica e da teoria, com suas temáticas enraizadas na tradição literária, a partir de textos fundadores das literaturas de cada um dos países, ou naquelas que inauguram uma tradição. A poesia moçambicana aparece representada por textos de Craveirinha e Eduardo White, entre outros; enquanto na prosa, Mia Couto e Paulina Chiziane representam o cânone consagrado na literatura do país.

O vôle sobre Angola envolve um grande número de poetas e prosadores que abordam o espaço do "musseque" como representativo do homem negro, temática reiterada em contos de João Melo, pertencente à geração de 90. Ou, ainda, na análise de recorrências e diferenças temáticas conforme a reflexão da crítica brasileira Carmen L. T. Secco sobre a literatura de Ana de Santana, José Luís Mendonça, João Maimona, João Melo, Frederico Ninji, Lopito Feijó, Fernando Kafukeno, João Tala, Ricardo Manuel, António Panguila, John Bella e Abreu Paxé. Ainda em Angola, Arlindo Barbeitos e o ícone Luandino Vieira merecem a atenção de outros críticos, esmerados em revelar os contornos de uma literatura anticolonial e engajada, respectivamente.

As relações entre as literaturas de Moçambique, Angola e São Tomé são contempladas pela poesia de Noémia de Sousa e de Alda do Espírito Santo com temáticas recorrentes na poética de Agostinho Neto; Ou, ainda, no sobrevôo pela imagem da mulher negra em alguns poemas de língua portuguesa, revelando as imagens que foram construídas sobre a figura feminina na diversidade das literaturas africanas. Em outro texto, encontramos a literatura de Angola e Moçambique, na poesia de Viriato da Cruz, Noémia de Sousa e Alda Lara.

Na literatura de Cabo Verde destaca-se a liderança do elemento mestiço no contexto cultural do país, enquanto são avaliados os mitos do mundo pré-diluviano e, finalmente, o *Itinerário para Pasárgada*, temáticas da produção literária, até a recusa desses mitos e o tom revolucionário da literatura dos anos 70.

Na quarta parte do livro encontram-se textos cujos conteúdos tratam das histórias das literaturas em países de língua portuguesa. Em Angola, cujo panorama histórico da literatura comparece sob a assinatura do teórico e crítico Benjamin Abdala Jr., que o concebe como um processo basicamente contruído nos últimos vinte anos, ou por Nelson Pestana que trata propriamente da abordagem da história pela literatura na escrita de Henrique Abranches e José Eduardo Agualusa.

A abordagem de Michel Laban do poema “Monangamba”, de António Jacinto, desvelando seu contexto histórico, assim como as relações de produção, lança outras luzes sobre a crítica já organizada; enquanto relevantes personagens femininas na história da literatura em Angola e suas atuações marginais são abordadas por Selma A. Pantoja, a partir de uma observação sobre o mundo das sociedades atlânticas no contexto do tráfico de escravos nos séculos XVIII e XIX.

O cânone das literaturas de língua portuguesa é exposto à crítica e à teoria, onde Filimone Meigos alerta para os discursos veiculados pelos produtos culturais, especialmente os da arte e os seus riscos da transnacionalização. Já o crítico moçambicano Francisco Noa trata das maneiras de “fazer mundos” na ficção, pela reinvenção de uma escrita que se reporta a uma tradição literária calcada nos textos fundadores, enquanto procura desvelar as influências que o Novo Mundo e seus contextos produziram sobre o pensamento europeu.

Ao tratar da abordagem das obras literárias, Inocência Mata discute os limites dos posicionamentos críticos. Para ela, o discurso crítico há de ter em conta uma postura transdisciplinar, evidenciando os nexos ideológicos e histórico-culturais na análise da obra.

Na sexta parte discutem-se as relações entre as literaturas de África e Brasil. Machado de Assis e Maria Firmina dos Reis, brasileiros, encontram-se no centro das preocupações em dois textos diferentes: um, que busca restituir uma crítica mais justa àquele que, de forma irônica, desvelou as relações entre escravos e senhores no contexto colonial brasileiro por meio da literatura e, outro, que busca incluir no cânone a autora marginalizada pela crítica de época.

Os poemas da angolana Paula Tavares e da brasileira Geni Guimarães são abordados por suas recorrências e diferenças temáticas, como vozes femininas no contexto do Atlântico Negro. Esse contexto diaspórico e suas teorias são postos em uma discussão que alerta sobre os perigos de abordagens com ênfase exclusiva sobre o *trânsito*, mascarando o processo diaspórico. Outras teorias sobre o Atlântico Negro permitem a discussão das relações literárias entre África e Brasil, pelo viés *afrobrasílico*, e suas polêmicas.

Uma referência aos colaboradores e organizadores encerra essa valiosa obra para os estudiosos das literaturas africanas de língua portuguesa, cujo tecido se constitui como uma malha única, onde os fios desenham os resultados dos contatos culturais, por meio das

criações literárias nas diferentes sociedades africanas espalhadas pelo Atlântico e por outros mares.

Dados de publicação:

Rita Chaves & Tania Macêdo. *Marcas da diferença*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2006

